

**SUBJETIVIDADES FEMININAS PRESENTES NO FILME  
“O SORRISO DE MONALISA”**

**FEMALE SUBJECTIVITIES PRESENTED IN THE MOVIE “O SORRISO DE  
MONALISA”**

**SUBJETIVIDADES FEMENINAS PRESENTES EL LA PELÍCULA “O  
SORRISO DE MONALISA”**

**Heloisa Raimunda Herneck**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa – UFV.  
hherneck@gmail.com

**Dhayara Emiliana Ferreira Coutinho**

Estudante do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa – UFV.  
dhayaracoutinho@gmail.com

**Gabriela Rodrigues Castro**

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa – UFV.  
gabrielarrcastro@gmail.com

**Recebido para avaliação em 11/01/2017; Aceito para publicação em 04/04/2017.**

**RESUMO**

O objetivo deste artigo foi apreender minhas reflexões sobre o feminismo, a partir dos modos como somos produzidas cotidianamente pelas mídias, filmes, novelas e outros artefatos culturais que nos cercam. Por ser a subjetividade algo que é do indivíduo, formada por meio de crenças e valores, com as experiências e histórias de vida que nos formam, recorri à leitura dos trabalhos desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari, a fim de esmiuçar esse conceito para entender como somos subjetivados por valores que nos constituem, e às vezes nos reprimem e oprimem. Outro conceito que achei necessário para este trabalho é o de gênero. Para sua compreensão, utilizei leituras de Joan W. Scott e Tereza Lauretis. Para análise, escolhi o filme “O Sorriso de Monalisa”, pois ele retrata vários “modos tipos” de ser mulher, e nele é possível perceber as múltiplas subjetividades femininas. Do filme opto pela discussão de três modos tipos de ser mulher e os processos de subjetivação que as compõe. Este filme se passa na década de 1950 do século XX e nos faz pensar as lutas feministas empreendidas na época e seus efeitos ainda hoje.

**Palavras-chave:** Produção de Subjetividades; Gênero; Feminismo.

**ABSTRACT**

The goal of this paper is to capture my reflections about feminism since the modes how we are daily produced by the media, movies, soap operas and other cultural artifacts that surround us. Being the subjectivity something that belongs to the individual, constituted by beliefs and values dependent on the experiences and life stories that shape us, I resorted to the literature of the works produced by Gilles Deleuze and Félix Guattari in order to scrutinize this concept to understand how we are subjectivated by values that constitute us and, sometimes, repress and oppress us. Another concept that I considered necessary for this paper is gender. For the comprehension of

gender, I utilized readings of Joan W. Scott and Tereza Lauretis. For analysis I chose the movie “Mona Lisa Smile” (O Sorriso de Monalisa, in Portuguese), because it portrays various modes and types of being a women, and in this movie it is possible to realize the multiplicity of feminine subjectivities. I opt to discuss three ways of being a women pictured by the film and the processes of subjetification that compose them. This movie represents the 1950’s and make us think about the feminist struggles carried out in this time and their effects nowadays.

**Keywords:** Production of Subjectivities; Gender; Feminism.

### RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue comprender mis reflexiones sobre el feminismo, a partir de los modos como somos producidos diariamente por las medias, películas, telenovelas y otros artefactos culturales que nos cercan. Por ser la subjetividad algo que es del individuo, conformada por medio de creencias y valores, con las experiencias y historias de vida que nos forman, recurrí a lectura de trabajos desarrollados por Gilles Deleuze e Félix Guattari, a fin de desmenuzar ese concepto para comprender como somos subjetivados por los valores que nos constituyen, y a veces nos reprimen e oprimen. Otro concepto que creí necesario para este trabajo es el concepto de género. Para su comprensión, elegí la película “La sonrisa de Mona Lisa” (O sorriso de Monalisa, en portugués), pues ella retrata varios “modos tipos” de ser mujer, y en ella es posible percibir las múltiples subjetividades femininas. Del filme opto por la discusión de tres “modo tipos” de ser mujer y los procesos de subjetivación que las componen. Este filme se pasa en la década de 1950 del siglo XX y nos hace pensar en las luchas feministas emprendidas en la época y sus efectos aún hoy.

**Palabras clave:** Producción de Subjetividades; Género; Feminismo.

---

## INTRODUÇÃO

*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.*

Simone Beauvoir

Durante minha graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa, tive a oportunidade de cursar a disciplina optativa, hoje extinta da matriz curricular, *Educação e Gênero*, que me impulsionou a fazer muitas leituras sobre o feminismo. A partir desses estudos, eu me percebi impregnada de todo discurso machista presente no cotidiano da família em que cresci<sup>1</sup>. Situações que até então me pareciam normais, começaram a ser questionadas, ou seja, as lentes com as quais eu via o mundo começaram a ser trocadas.

Em minha memória, cenas da vida cotidiana começaram a voltar, mas com outro olhar. Lembrei-me de minha mãe, que por ser solteira não era vista “com bons olhos” pela sociedade. Lembrei-me, também, de sua falta de liberdade para frequentar festas à noite, por ser mulher e criar uma filha sozinha.

Recordei-me do machismo do meu avô, que tinha que ser o primeiro a se sentar à mesa para comer, e só então os outros poderiam sentar-se. Ele era o chefe de família, por

---

<sup>1</sup> As informações de cunho pessoal se referem à segunda autora do artigo.

isto tudo tinha que passar por ele! A esposa, as filhas e, conseqüentemente, as netas estavam ali para servir tanto a ele, como aos seus filhos homens.

Esses estudos me fizeram questionar a ausência de diálogo sobre sexo enquanto eu crescia. Quando perguntava alguma coisa sobre esse assunto, minha mãe respondia com um beliscão e a pergunta opressora e silenciadora: “de onde você está tirando isso, menina?” Será que esse silenciamento acontecia comigo pelo fato de ser mulher? Será que a sexualidade dos meus primos/tios também era oprimida?

Então, com o objetivo de continuar aguçando minhas percepções e a leitura de mundo na compreensão do que somos e de como nos tornamos, optei por continuar estudando essa temática. Sendo-nos seres humanos e, portanto, subjetivos, busquei a compreensão de como somos subjetivados pelo mundo que nos cerca. Uma vez que a subjetividade é algo do indivíduo, e formada por meio de crenças e valores, com as experiências e histórias de vida que nos formam, busquei os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a fim de esmiuçar esse conceito para entender como somos produzidos por valores que nos constituem e, às vezes, nos reprimem e oprimem. Outro conceito que achei necessário para este trabalho é o de gênero, e para sua compreensão as leituras de Joan W. Scott e Tereza Lauretis foram meus suportes.

Por que a escolha de um filme para essa análise? O primeiro motivo foi por considerar a mídia, os filmes, as novelas, entre outros artefatos culturais, fortes influenciadores na formação de nossas subjetividades. O segundo, por considerar que fazer a leitura de um filme me ajudaria em outras leituras.

O filme “O Sorriso de Monalisa” me tocou muito, e ao assisti-lo consegui ver muito do estudo sobre gênero que fiz na disciplina citada anteriormente. Ele retrata vários “modelos tipos” de mulheres: aquela criada para servir o marido e ser boa esposa; aquela que transgride; aquela que sonha em ser mais do que o destino lhe oferece; e a professora Katharine Watson, que com a sua diferença leva outros modos de ser mulher para uma escola para meninas.

O filme nos faz a pensar sobre as lutas feministas, como as mulheres alcançaram os direitos que possuímos hoje e se devemos nos contentar ou continuar lutando pelos nossos propósitos. É essa dimensão da produção das desigualdades e das opressões sobre as mulheres que fundamentou o feminismo como movimento de pensamento e de luta, social e política.

Maria Lacerda de Moura (1999), no início do século XX, criticou a abordagem que interpretava o feminismo como ato de caridade, numa concepção vaga, dando como

vitórias feministas atos “banais”, como estudar, viajar só, divorciar-se quantas vezes quisesse ou ser campeã de qualquer esporte. Vitórias que nada significavam diante do problema da emancipação integral da mulher. Ela defendia que as reivindicações não poderiam se limitar à ação caridosa ou ao simples direito de votar. Acreditava que a caridade não é a solução do problema que humilhava e que estrangulava todas as energias latentes daquele que estendia as mãos para receber.

Para ela o feminismo se direcionou para o ridículo. A tudo que se refere à mulher usa-se a expressão “vitórias do feminismo”. A autora buscou esclarecer que existem várias formas de ver e se posicionar perante o feminismo. Há quem se dê por satisfeita com essas pequenas vitórias e há quem busque a igualdade e a liberdade de ser mulher.

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira farei um ensaio teórico sobre feminismo, subjetividade e gênero; na segunda apresentarei o filme “O Sorriso de Monalisa”; e na terceira, tecerei reflexões acerca das subjetividades femininas de três mulheres do filme: a professora, a transgressora e a dona de casa.

## ENSAIO TEÓRICO

Para trabalhar as subjetividades apresentadas no filme serão realizados diálogos com os conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Segundo esses autores, a subjetivação é fruto da fabricação imaginativa do inconsciente. Ressaltam ainda que a construção do *eu* não é um fato isolado, se influi por um cotidiano, normas, julgamentos e práticas.

Eduardo Simonini Lopes (2010), ao citar a obra de Deleuze (1991), escreve sobre a dobra da subjetivação, comparando o nosso “eu” a um origami<sup>2</sup>:

Não existiria um “dentro” e um “fora” sendo tudo agenciado numa mesma superfície, onde o “dentro” nada mais é do que uma maneira singular de dobrar o “fora”. Cada dobra de subjetivação não seria correspondente a uma interpretação da realidade, mas uma dimensão verossímil e intensa de realidade, não havendo nada a ser revelado ou descoberto para além das linhas que organizam sua consistência (SIMONINI, 2010, p. 10).

Nesse sentido, somos o produto de várias dobras de subjetivação. A produção de nossa subjetividade diz respeito ao modo pelo qual produzimos e flexionamos com as nossas relações. Diz respeito à forma como criamos nossos territórios à medida que relacionamos com o mundo que nos cerca. Somos, como indivíduos, o produto de várias

---

<sup>2</sup> Arte japonesa feita a partir de dobraduras em papel.

dobras que continuam sendo produzidas à medida que operacionamos com/no nosso mundo.

Compreender a disciplina que menciono neste trabalho foi uma das dobras na construção de minha subjetividade. Interpretando Deleuze e Guattari é possível afirmar que, dependendo da forma como traduzimos tudo que nos passa, de como experienciamos a vida, somos constituídos com mais ou menos intensidade. Referindo-se aos conceitos, os autores ressaltam que eles “não existem em algum lugar prontos para serem descobertos [...]”, mas “precisam ser criados, fabricados e sempre a partir do encontro com algo que coloque uma necessidade absoluta de se pensar outramente” (SILVA, 2004). Então, assim como os conceitos, somos afetados pelo mundo que nos cerca e fabricamos nosso próprio eu.

Nesse sentido, a maior luta feminista foi durante muito tempo a busca por direitos iguais entre homens e mulheres na sociedade, embora hoje haja questões muito mais complexas no que tange a relação de gênero na contemporaneidade. Cabe ressaltar que o movimento não é algo recente, sempre houve mulheres que lutaram contra sua condição, em busca de liberdade, e foram cruelmente castigadas, até mesmo pela Igreja Católica, que foi intolerante com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados.

Até então essas lutas eram isoladas. No entanto, em 1848, nos Estados Unidos, surgiram as primeiras manifestações feministas organizadas e a primeira Convenção dos Direitos das Mulheres, que lutavam pelo direito de administrar seus bens.

Durante o século XIX, a estrutura familiar e social era totalmente construída sobre a figura do homem, um regime patriarcal em que o marido e pai era a autoridade máxima da família. O patriarcado, segundo Mirela Marin Morgante e Maria Beatriz Nader (2014), é um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres que não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive inserido no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo, sendo uma prática passada para as gerações familiares e sociais.

Segundo Maria Ângela D’Incao (2010), as mulheres casadas tinham a função de contribuir para o projeto familiar de mobilidade social por meio de sua postura nos salões, como anfitriãs, e na vida cotidiana, como esposas modelares e boas mães. Passa a depender delas o “sucesso” da família, sucesso esse que se tratava de manter elevado o prestígio social existente, arrumando “bons” casamentos para os filhos.

Nísia Floresta Duarte (2010) descreve que na visão machista a mulher nasceu para servir o homem, assim como para cuidar da casa e dos filhos. Essa ideia é passada para as mulheres desde que são ainda crianças, para que cresçam sabendo qual é o seu papel na sociedade. Ainda vemos meninas sendo educadas para serem boas mães e esposas, e responsáveis por manter seu casamento. Isso fica explícito no filme “O Sorriso de Monalisa”, principalmente nos ensinamentos que a aluna Betty recebe de sua mãe.

O feminismo como movimento social visível tem sido analisado como um movimento que historicamente pode ser percebido como organizado em três ondas.

Celi Regina Jardim Pinto (2003) chama a primeira onda do feminismo de “bem-comportado”, para sinalizar o caráter conservador desse movimento, que não questionava a opressão da mulher. Nesse sentido, a luta para a inclusão das mulheres à cidadania não se caracterizava pelo desejo de alteração das relações de gênero, mas como um complemento para o bom andamento da sociedade. A autora designa a segunda onda de feminismo “malcomportado” e a terceira fala sobre a diferença, sobre a pluralidade das relações sexuais, ou seja, como as representações vão sendo construídas e como as diferenças sociais marcam as pessoas.

A tendência, feminismo de segunda onda, teve como liderança a obra “A Mística Feminina”, de Betty Friedan (1971)<sup>3</sup>. Essa tendência surgiu após a Segunda Guerra Mundial, reunindo mulheres intelectuais, anarquistas e líderes operárias que defendiam, além do direito político, direito de voto, o direito à educação. Também abordavam temas que para a época eram delicados, como: a sexualidade, o prazer, o divórcio e a luta contra o patriarcado. Essa onda lutou por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em busca de liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

Nessa tendência foi criada a categoria “gênero”, como contribuinte das lutas do feminismo:

Gênero é a representação de uma relação, ou, se me permitirem adiantar-me para a segunda proposição, o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como classe, uma relação de pertencer; assim, o gênero atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe (LAURETIS, 1994, p. 210-211).

Joan W. Scott (2012) afirma que o significado da palavra gênero depende de quem a usa, em qual contexto e para qual finalidade. Há um debate intenso sobre essa categoria e parece não haver um único lugar no qual gênero possa confortavelmente ou finalmente

---

<sup>3</sup> Cumpre observar em “A mística feminina”, de Betty Friedan, que há informação que a autora tenha ocorrido em plágio de Simone de Beauvoir, conforme Saffioti documenta na p. 161 do texto disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpago/article/view/8634812/2731>>.

repousar. Disputas políticas que se seguem a partir da incerteza sobre gênero levam a uma proliferação dos seus significados. A autora explica que gênero recusou a ideia de que a anatomia da mulher era o seu destino, insistindo, ao contrário, que os papéis alocados para as mulheres eram convenções sociais, não ditames biológicos. Gênero é uma categoria de análise, e não uma categoria descritiva, porque em vez de preocupar com o que os homens ou mulheres fazem, problematiza o porquê da diferença e da hierarquia nessas relações.

A construção da subjetividade feminina passa por essa categoria, Tereza Lauretis (1994) faz críticas ao conceito de gênero como diferença sexual e o define como sendo uma representação, o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais como subjetivas, na vida material das pessoas.

Guattari e Rolnik apud Simonini (1996) defendem que a questão gênero influencia a formação de poder, propondo uma produção de subjetividade. Para eles a subjetividade não é produtora apenas de um perfil do mundo, mas também modela comportamentos e sentimentos por meio de processos de subjetivação. Os autores ainda afirmam que a subjetividade é determinada nos apontamentos realizados pela sociedade, situada em todos os campos de produção social. “Proponho a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Assim, a subjetividade sofre transformações e estas influenciam a visão de mundo e o seu entendimento com a sociedade.

## O FILME

O título do filme nos remete a mais famosa obra de Leonardo Da Vinci “Monalisa”, também conhecida como “A Gioconda”, que retrata uma mulher misteriosa, com um sorriso sensual e ao mesmo tempo tímido. Essa obra, ainda hoje, inquieta muitos estudiosos de arte, sendo para muitos um enigma.

O filme “O Sorriso de Monalisa” foi lançado em 2003 nos Estados Unidos da América. A obra foi produzida pelo *Revolution Studios* e *Columbia Pictures*, dirigida por Mike Newell e escrita por Lawrence Konner e Marck Rosenthal. A história se passa em 1953, nos Estados Unidos, no conceituado colégio de Wellesley, cujos princípios eram tradicionalistas e conservadores. Para essa escola eram enviadas jovens selecionadas como sendo as melhores do país. Lá elas deveriam receber uma formação que as tornassem dedicadas aos preceitos familiares, responsáveis esposas e mães, voltadas ao lar e ao esposo. Dentre as disciplinas oferecidas, estavam às voltadas para os cuidados do lar. Desta forma,

havia professores e professoras que lecionavam fala, elocução, boas maneiras, posturas e comportamentos que deveriam ter uma mulher/esposa de respeito, História da Arte, Italiano e Biologia.

As estruturas de um ensino voltado para a educação das mulheres são abaladas com a chegada da professora Katherine Watson para lecionar a disciplina história da arte. Katharine vinha de uma universidade estadual em Loucland, e o seu jeito moderno de ensinar provocou incômodos às alunas e aos professores da instituição. Ela questionava os preceitos educativos das estudantes, mostrando que elas poderiam ser mais do que esposas e mães e que também poderiam ter uma carreira.

O filme gira em torno da interação de algumas personagens. O filme ressalta principalmente a relação da professora Katharine com as alunas Betty, Giselle, Joan e Connie. A enfermeira Amanda Armstrong também é uma personagem de destaque por fugir às regras daquele tempo, pois ela manteve um relacionamento com outra professora, que veio a falecer. Uma figura que se destacou foi a senhora Warren, presidente da associação de mestres e mãe da aluna Betty, por ser muito conservadora e passar isso para filha de forma habitual. Outra personagem que também desempenha um papel importante no filme é a presidente do colégio, Jocelyn Carr, que fazia valer todas as regras.

A estadia da professora foi marcada por desentendimentos com a aluna Betty Warren, que era tradicional e conservadora, e tinha suas certezas muito bem demarcadas. Ela sonhava em se casar, ter filhos e uma bela casa. Betty também exercia uma vigilância constante sobre toda a escola, tomando conta da conduta de suas colegas para que não infringissem às regras e também da professora Katharine, cujos ensinamentos eram considerados subversivos e políticos, pois achava que a professora estava incentivando as garotas de Wellesley a rejeitar os papéis que nasceram para desempenhar, que era ser uma boa esposa e boa mãe.

Por outro lado, Katharine também despertava a simpatia de alunas como Giselle Levy, Joan Bradwyn e Connie Bakeer, que viam nela outras possibilidades. O fato de a professora ter optado por não se casar e ter uma vida independente mexia com as produções de mundos dessas jovens.

Katherine, com seu jeito de ser mulher, também despertou os olhares de seus colegas de trabalho do sexo masculino, tornando sua conduta objeto de vigilância, mas também despertando a confiança de Nancy Abbey, uma professora que vivia torturada pelo seu segredo do abandono pelo namorado tempos atrás.

Dentre imposições, enfrentamentos e desafios, Katharine concluiu o período, tendo uma boa adesão das alunas. Foi então convidada a permanecer na escola, desde que seguisse as imposições da direção, que eram: mostrar os planejamentos de suas aulas para serem aprovados pelo comitê, não dar conselhos às alunas, não ter nenhum tipo de relacionamento com os funcionários e usar somente a apostila feita pela escola.

Katharine, porém, preferiu partir! Deixou mensagens às suas alunas, em especial a Betty, em que dizia ter ido a Wellesley “porque queria fazer a diferença, mas mudar pelos outros era mentir para si mesma”. O filme termina com a partida de Katharine emocionada e suas alunas acompanhando o carro de bicicleta.

## **O FILME E SUA ÉPOCA**

No decorrer de aproximadamente 30 anos o feminismo se estagnou. Branca M. Alves e Jacqueline Pitanguy (1981) afirmam que isto aconteceu porque esse período foi marcado pela preparação e eclosão de uma nova guerra mundial. Assim, a afirmação da igualdade entre os sexos vai se confundir com as necessidades econômicas daquele momento histórico. Valoriza-se mais do que nunca a participação da mulher na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão de obra masculina para as frentes de batalha. O filme se passa no ano de 1953, após a segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria.

Nesse período, a publicação de alguns livros marcaram a vida das mulheres e foram fundamentais para a nova onda do feminismo. Na França, destaca-se o livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949. Nele, Beauvoir estabelece uma das máximas do feminismo: “não se nasce mulher, se torna mulher”, e busca mostrar por meio de fatos históricos de onde vem a submissão da mulher e as raízes culturais da desigualdade entre os sexos. “A mística feminina”, de Betty Friedan, publicado em 1963 nos Estados Unidos e no Brasil em 1971, relata o problema que as mulheres americanas estavam passando, “o problema sem nome”, que um médico de Cleveland chamou de “síndrome da dona de casa”: “De quando em quando consultavam um médico, apresentado sintomas que assim descreviam: Sinto-me cansada... Zango-me tanto com as crianças que chego a me assustar... Tenho vontade de chorar sem motivo” (FRIEDAN, 1971, p. 22).

A autora ainda reforça que às mulheres, mesmo tendo acesso à educação, bastava apenas o cuidado com a casa, o marido e os filhos, que não precisava de uma educação

aprofundada. A prioridade da mulher era manter sua casa e seu casamento, pois o marido se responsabilizava por prover a família. O que se pregava nos Estados Unidos na década de 1960 era repetido nas opiniões brasileiras a partir do período de colonização, de que a mulher se satisfaria somente com os cuidados com a família, e que era sua responsabilidade manter o casamento.

## REPRESENTAÇÕES DE FEMININO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

O filme nos apresenta multiplicidades de representações do feminino. O fato de nos depararmos com todas essas subjetividades nos leva a perceber que existem as mais diversas “mulheres”. Como relata a autora Sueli Carneiro (2011), as sociedades possuem as mais diversas formas de opressão, e o fato de ser mulher não a torna igual às demais. Assim, a identidade de sexo não é suficiente para juntar as mulheres em torno de uma mesma luta. A categoria “mulheres” respeita as múltiplas diferenças que se observavam dentro da diferença. O filme nos apresentou modelos femininos que em sua época eram os transgressores, os acomodados e os híbridos, que possuíam características dos dois “modelos tipos anteriores”.

A professora Katherine Watson, que chega ao colégio com o propósito de “querer fazer a diferença”; a professora Nancy Abbety, que é tradicional e conservadora, leciona disciplinas voltadas para a postura de uma mulher de respeito e submissa ao marido; e também a enfermeira Amanda Armstrong, que teve um romance com a professora Josephine Burns, que veio a falecer, considerada muito liberal com relação à questão sexual, colocando em risco os costumes da instituição. As alunas Betty Warren, filha de uma família extremamente tradicional, noiva, que opina na vida de todos e vigia todos para que não desviem dos padrões impostos a uma mulher de respeito; Joan Brandwyn, que desejava fazer direito na faculdade de Yale, mas foi pedida em casamento antes de se formar e se via tendo de escolher uma coisa ou outra; Connie Baker, que esperava ser feliz ao encontrar um grande amor e se casar; Giselle Levy, que fugia de todos os padrões, admirava a professora Katharine e sua forma de pensar, e era considerada por sua colega Betty uma pessoa sem princípios, leviana; e senhora Warren, mãe de Betty e presidente da associação de mestres, que coloca a esposa como assistente e objeto do homem, o senhor da casa.

### As transgressoras

A professora Katharine Watson, recém-graduada em História da Arte pela Universidade de Berkeley, na Califórnia, solteira e sem filhos, consegue o emprego sonhado no conceituado colégio Wellesley. Ela chega com métodos e práticas considerados inovadores e subversivos. Ela era uma pessoa com ideias avançadas, moderna, que não via no futuro feminino apenas casar e ser mãe e que acreditava que ter uma profissão não a impediria de ter uma família.

Seus ensinamentos eram baseados em questionamentos, em discussões. Katharine buscava sempre colocar as alunas para pensar. Usava a apostila do colégio, mas gostava de ir além. Para ela, fora do horário de aula também era momento de aprendizagem. Numa aula a professora surpreende as alunas com conteúdos que não tinham na apostila e as estimulam a falar sobre o assunto. Isso gera uma grande discussão entre as alunas e a professora.

Nessa cena, Betty Warren começa falando que a obra apresentada pela professora não era uma boa obra, nem a chamaria de arte, pois era grotesca. A colega Connie Baker questiona se existe alguma regra sobre a arte não ser grotesca. Giselle relata achar que tem algo agressivo e erótico na obra. Logo Betty a afronta, falando que tudo para ela era erótico, e acrescenta que para ser obra tem que seguir regras, padrões, técnicas, cor, composição e temática.

Ao terminar ela se direciona à professora: “Se você está sugerindo que carne putrefata é arte, mais ainda, boa, o que nós vamos aprender então?” A professora responde que ela havia resumido a nova apostila: “O que é arte? O que faz dela boa ou ruim? E quem decide?”. Katharine continua a aula de forma humorada, mas sempre questionando, fazendo com que as alunas, principalmente Betty, refletissem sobre o debate.

A enfermeira Amanda Armstrong e a aluna Giselle Levy burlavam todas as perspectivas da época, pois a primeira teve um romance com a professora Josephine Burns, que veio a falecer, considerada muito liberal com relação à questão sexual, colocando em risco os costumes da instituição, e foi dispensada dos seus serviços por distribuir métodos contraceptivos entre as alunas. Ao arrumar suas malas, Amanda relata a Katharine que a acham subversiva e que ela não consegue definir “quem está protegendo quem do quê, ou melhor, de quê”.

Giselle tinha relacionamentos passageiros com professores, homens casados, admirava a professora Katharine por ser tão segura de si e checou a ser comparada, por sua amiga Betty, a uma prostituta. Mas em seu particular ela queria constituir uma família, ter filhos gêmeos.

### **As donas de casa**

Betty foi a jovem que mais teve enfrentamentos com a professora Katharine. De uma educação rígida, considerava a professora subversiva e uma má influência para as outras alunas do colégio, e por isso mantinha suas atitudes em vigilância.

Em uma aula, Katharine leva algumas pinturas de Vicent Van Gogh. Ela propõe uma discussão sobre o pintor e demonstra uma atividade de pintura por números. Durante a discussão a aluna Betty retorna da lua de mel enfrentando a professora, chamando-a de subversiva e usando o termo de estar “educando” a professora ao ameaçá-la, caso a professora a reprovasse por ter faltado às aulas durante a lua de mel e não ter feito os trabalhos.

Betty se casou como sonhava, mas descobriu que sua felicidade não estava no casamento. Separou-se e perdeu o apoio da família. Ao mostrar uma imagem de Monalisa a sua mãe, Betty perguntou: “Ela está sorrindo. Ela está feliz? Ela parece feliz. É isso que importa? Nem tudo é o que parece”. E sua mãe respondeu que o importante era não contar para ninguém.

No final do filme Betty procurou o apoio da professora Katharine, pois iria morar com sua amiga Giselle, à qual no decorrer do filme tinha feito muitas ofensas, inclusive comparando-a a uma prostituta.

Betty, cuja subjetividade foi muito afetada pela professora Katharine, ao escrever seu último editorial, em Wellesley, conta a história da professora. Nesse editorial ela elogia a professora, escrevendo que Katherine “seguia sua própria definição e não comprometeria isso nem por Wellesley”. Ela faz a seguinte dedicatória à professora: “Eu dedico esse meu último editorial a uma mulher extraordinária, que viveu o exemplo e nos levou a enxergar o mundo através de outros olhos”. Como Betty relatou, “alguns a chamaram de covarde, uma errante sem propósito, mas nem todo errante é sem propósito, especialmente aquele que busca a verdade além da tradição, além da definição, além da imagem, eu nunca vou esquecê-la”.

Joan Bradwyn, uma aluna aplicada, que mesmo sendo convocada para a faculdade de Direito em Yale e a senhora Watson pesquisando outras faculdades próximas a Pensilvânia, preferiu se dedicar ao marido e a casa, e futuramente à família. Connie Baker era amiga de todas e via no amor e no casamento a felicidade.

### **As subjetividades híbridas**

O feminino exposto pela professora Nancy, ao mesmo tempo que era muito tradicional, também fugia às regras, pois levava uma vida de dona de casa, mas ainda não possuía um marido e filhos. Ela dizia que o namorado Lenny faleceu em uma viagem ao Sul do Pacífico. Mas na festa de casamento de Betty, ela um pouco alterada pela bebida, conta a Katherine que ele estava vivo, casado com outra mulher e que possuía filhos. E mesmo sendo tão conservadora, hospedava em sua casa a enfermeira Amanda, que fugia aos princípios defendidos por ela. Também a diretora Jocelyn, que ao dispensar a enfermeira Amanda por doar contraceptivos às alunas, antes, tentou convencer ao corpo docente que ela tinha um currículo impecável, portanto, ela acaba violando o modelo tradicional imposto pela instituição.

A professora Katherine, com suas práticas, contribuiu para a construção de sujeitos, com os questionamentos sobre as representações e as próprias tradições da escola. Ela conseguiu fazer com que a aluna Joan percebesse que não precisava escolher entre o casamento e a faculdade de direito, apesar de ela ter escolhido a primeira opção e, de certa forma, ter estremecido a identidade da professora. Ela também mostrou à Betty que o casamento não era inacabável, que poderia se livrar daquela situação constrangedora, que a vida não parava ali. No conselho de professores, na avaliação formal, o corpo docente não queria que eles continuassem com a professora Katherine no próximo ano, mas a diretora deixa claro que nunca havia tido tantas inscrições na matéria de História da Arte. Entretanto sugeriram que ela seguisse somente a apostila usada pela direção, que seus planos de aula deveriam ser submetidos à aprovação e revisão no início de cada semestre, nunca deveria dar conselhos, os quais fugissem a sua disciplina, a suas alunas e ela deveria concordar em manter relação estritamente profissional com todos os membros da escola. A professora Katherine, mesmo criando vínculos afetivos com as suas alunas e ter percebido a mudança de paradigmas que incentivava nelas, optou por partir e continuar desenvolvendo o seu trabalho livremente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante as reflexões que construí, a partir da elaboração deste trabalho, considero que possivelmente o filme “O Sorriso de Monalisa” recebeu este nome para enfatizar que nem tudo que parece é, que às vezes o que se expressa não é o que está sentindo. A relação com a obra se faz nos vários sorrisos de diversos papéis femininos abordados no filme, os quais foram discutidos neste artigo.

O filme me despertou para as diversas lutas feministas. Podemos concluir que o feminismo obteve muitas vitórias, mas ainda tem barreiras enormes a superar, pois de nada adianta instituir leis e não fazê-las valer. Esse é o caso do Brasil, onde nos últimos 20 anos houve várias movimentações legais com relação a trabalhar a categoria gênero na educação e atualmente estamos à mercê de um projeto de lei “Escola sem Partido<sup>4</sup>”, que foi aprovado em alguns estados, que impede de se falar de gênero nas escolas.

A sociedade em geral, digo em geral porque existem mulheres machistas também, deve compreender que as mulheres não são menos importantes do que os homens, que elas podem optar por ter filhos ou não, ou ter quantos filhos quiserem, por casar ou não, por trabalhar fora do ambiente doméstico com o mesmo olhar de um serviço prestado por homem e não serem vistas como um objeto à disposição deste, isto independentemente de cor, raça, etnia ou classe social.

Apesar de o filme se passar em 1953, ainda vemos hoje práticas e discursos que buscam instituir uma forma de ser mulher. Deve-se ressaltar que mesmo na década de 1950 não havia apenas uma forma de ser mulher, como tenho defendido neste trabalho. Considero que instituir um papel e uma subjetividade feminina no século XXI, além de ser um tanto quanto retrógrado, é impossível. Sendo assim, acho importante terminar afirmando que o modelo de mulher ideal é o que ela escolhe ser, ocupando os lugares que quiser.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 77 p. (Coleção Primeiros Passos; Abril Cultural). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/113816280/O-que-e-Feminismo-Branca-Moreira-Alves-e-Jacqueline-Pitanguy-Colecao-Primeiros-Passos>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMIENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300012)>. Acesso em: 6 jun. 2016.

D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 223-240.

---

<sup>4</sup> A Escola Sem Partido, também chamada pelos professores de “Escola de Mordação”, busca instituir uma escola apolítica, na qual proíbe que professores façam menção as suas concepções políticas e ideológicas, o que excluiria a liberdade docente de abordar temas como gênero em sala de aula. Para obter mais informações acerca deste projeto, acesse: <<https://www.programaescolasepartido.org/>>.

DUARTE, Nísia Floresta. **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 81-107. Disponível em: <[https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/Conteudo/lista\\_topicos.php](https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/Conteudo/lista_topicos.php)>. Acesso em: 2 maio 2016.

FRIEDAN, Betty. O “problema mal formulado” ou “mal sem nome”. In: \_\_\_\_\_. **Mística feminina** – o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 17-31. Disponível em: <[https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/Conteudo/lista\\_topicos.php](https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/Conteudo/lista_topicos.php)>. Acesso em: 23 maio 2016.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Micropolítica** - Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 33-43.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242. Disponível em: <[https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/Conteudo/lista\\_topicos.php](https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/Conteudo/lista_topicos.php)>. Acesso em: 11 maio 2016.

LOPES, Eduardo Simonini. Variações sobre o “eu”. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 1-13, jan./abr. 2010.

MOURA, Maria Lacerda de. Feminismo? Caridade? **Revista Utopia**, n. 9, p. 101-105, 1999. Disponível em: <<http://www.utopia.pt/edicoes/Binder9%20.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 16., 2014. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465\\_ARQUIVO\\_textoANPUH.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf)>. Acesso em: 9 jul. 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. **O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces**. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 238-241. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000200015/7904>>. Acesso em: 20 maio 2016.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVA, Rosane Neves da. A dobra Deleuziana: políticas de subjetivação. **Psi**, Niterói, p. 1-16, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap4.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2016.